

Expectativa piora e risco sobe 7,58% na semana

Patrícia Fortunato

De São Paulo

Os títulos da dívida externa brasileira estão apresentando neste segundo semestre resultado contrastante com o do primeiro: naquela época, quem abrisse os jornais leria que o C-Bond e o risco-país melhoravam dia-a-dia. Agora, os sinais se inverteram, a ponto de um corretor que estimava os US\$ 0,86 como piso para o C-Bond ter refeito suas contas e rebaixado o preço: com as cotações dos bônus americanos em queda, somando-se às dificuldades internas, o C-Bond pode cair a US\$ 0,83, estima.

Ontem, dia em que a operação de troca de papéis brasileiros foi concluída, o C-Bond caiu 0,50%, a US\$ 0,8702 e pagava prêmio de risco de 804 pontos-base. O risco-país volta a beliscar os 800 pontos-base: subiu 1,59%, a 795 pontos-base. Na semana, o

C-Bond acumula queda de 3,72%, e o risco-país já subiu 7,58%. A “piora” do noticiário político e as invasões dos sem-terra e sem-teto dão alento pessimista ao mercado. Mas há quem exagere e, segundo a fonte, “se o Stédile for preso, o C-Bond terá alta expressiva”.

As complicações que envolvem a reforma da Previdência e a tributária também são “culpa-das”, segundo operadores, pelo fato de o Banco Central não ter efetuado troca de C-Bonds, na operação de swap anunciada na sexta-feira e concluída hoje. Ao ver as manchetes de jornais, o investidor preferiu não abandonar o C-Bond, título mais líquido do mercado emergente, por um papel cujo vencimento só ocorrerá em 2024. “A troca do C-Bond, ao contrário da do Par e do Discount, era um tiro no escuro, uma pretensão do governo”, teoriza um corretor.